

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

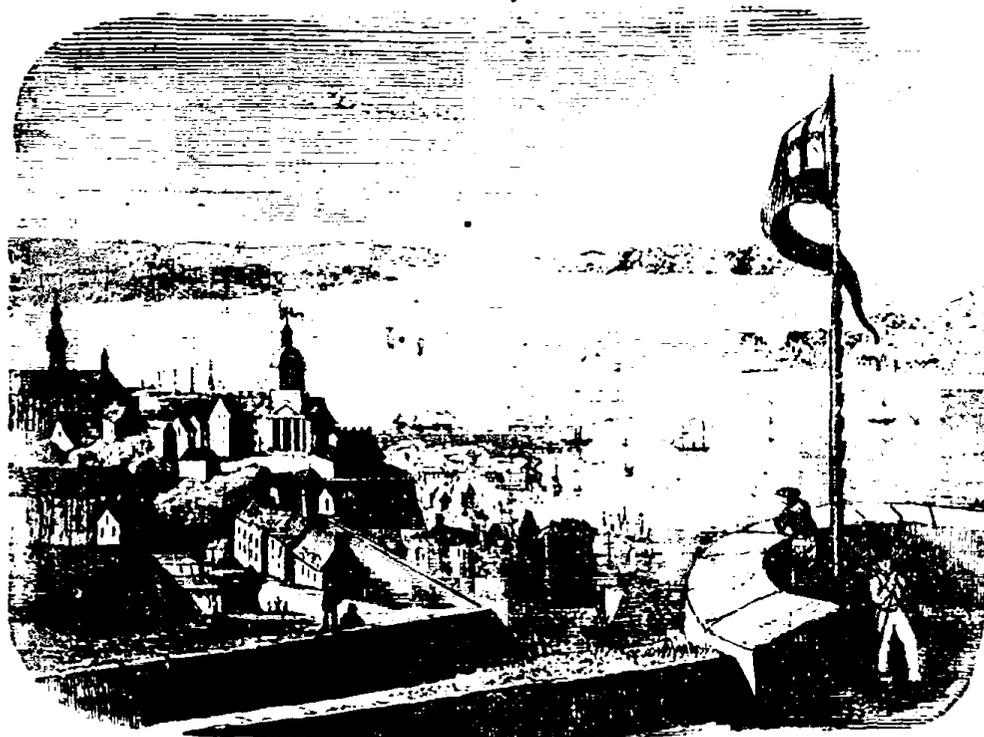
... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*Uma nova Hospitaleira*, pela redacção.—Secção Religiosa: *Alinda noticias de Lourdes*, por M. F.—Secção Cientifica: *Os principios catholicos perante a razão*, XX, *Os institutos religiosos na sua origem e nos tempos modernos*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 8.º, pelo Padre João Vieira Noves Castro da Cruz.—Secção Critica: *A questão agraria da Madeira*, IV, por José Carlos de Faria e Castro; *Importancia da educação physica e da gymnastica*, por Casimiro Dias Grillo.—Secção Litteraria: *Pela charneira*, poesia, por Mattos Ferreira.—Secção Illustrada: XXVII, *S. Ex.ª R.ª o Snr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Larissa*; XXVIII, *Castello de Nantes*; XXIX, *Os cães em Londres*, por R.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

GRAVURAS: *Quebec, cidade ingleza da America*; *O barbarismo no seculo das luzes*.



QUEBEC, CIDADE INGLEZA DA AMERICA

Uma nova Hospitaleira

NAE no ultimo quartel o seculo de-
zenove, este seculo que nasceu
atheu, que tem feito alarde d'um
indifferentismo atroz para com
as cousas religiosas, e que por
toda a parte tem negado a exis-
tencia de Deus, blasfemado do Papa,
dos dogmas da Igreja, e que tem rido,
com esse rir voltairiano, importado
do passado seculo, de todas as gran-
des almas, das mais santas vocações,
dos mais esplendidos rasgos de herois-
mo e caridade christã. Vae quasi no fim
o seculo dos grandes emprehendimen-
tos, o seculo que lincoou a alavanca de-
molidora a todas as antigas institui-
ções, que tombou no pó das ruinas o
abrigo da sciencia, o imporio da cari-
dade, o refugio das consciencias puras;
altares.
desposadas de Christo, invadindo o san-
tuario da virtude, e que, fechando os
porticos arrendados dos mosteiros,
abriu, com descaro não visto entre os
povos pagãos, milhares de casas de
prostituição, onde estiolam as mais for-
mosas flores primaveraes, onde o vicio
tem adoradores, onde a devassidão tem
altares.
Vae quasi no fim o seculo dezenove,
este seculo em que (ao menos em Por-
tugal) é um crime ser frade e uma uti-
pia ser freira, quando já não existe

quem tenha assistido a uma profissão religiosa, quando poucas pessoas ha que vissem nas ruas das nossas cidades e villas o filho do claustro, quando parecia impossivel haver vocações sublimes para a vida religiosa; é, n'este seculo, apesar de tudo, a despeito dos esforços praticados pela impiedade para deschristianisar os povos, para levar a descrença ao seio das familias, para tudo preverter por meio dos seus livros, das suas gazetas, das suas revistas illustradas, dos seus dramas de combate, das suas comedias impurissimas, que surgem, como por encanto, de em meio das familias, as mais formosas vocações, os rasgos mais salientes do mais acrisolado amor por tudo que é santo, grande e bom, confundindo d'esta arte os coriphæus da desmoralisação universal, mostrando-lhe impossiveis e infructiferos todos os seus esforços, todos os seus tramas, em quanto a Cruz se levantar em meio dos povos, como signal de paz, de progresso, de liberdade.

E' d'uma d'essas vocações que nós hoje vamos fallar, expandindo a alegria, o prazer, a dita que nos vae n'alma, por ver que ha ainda muitas familias em Portugal no seio das quaes mora a fé, que ha ainda muitas almas que vivem da esperanza, ha ainda muitos corações que se alimentam da mais santa caridade.

Louvemos a Deus, demos-lhe mil graças, e levemos o leitor amigo ao convento das Trinas, em Lisboa, para assistirmos a uma festa sympatica, para gosarmos da alegria que vae por toda a vasta casa, para gostarmos do prazer que se estampa nas faces venerandas de todas as filhas do santo da penitencia.

E' o dia 28 de fevereiro. As portas do santo abrigo abrem-se para dar entrada a um cavalheiro respeitavel e a uma gentil menina, que ali vae pedir a touca das Irmãs Hospitaleiras. O cavalheiro é o Ex.^{mo} Snr. Antonio José de Moraes Sarmento, e a gentil menina a Ex.^{ma} Snr.^a D. Delfina de Moraes Sarmento, de Vianna do Castello, pae e irmã d'outra formosa filha do alto Minho, que o anno passado fôra tomar lugar entre essa phalange de heroínas, entre essa pleiade de trabalhadoras christãs. A mimosa florinha, cuidada no bello jardim de Portugal e afagada pelas auras frescas da beira-mar, desprende-se dos paternos braços para ser estreitada por outros braços maternos, pelos braços da veneranda Superiora Geral, que cobre de caricias a pequena irmã.

E o bom pae, o pae feliz, que sem descurar a educação da filha estremecida, se não esqueceu de lhe infiltrar tambem na alma os santos principios

do christianismo, volta ao seio de sua familia com a alma inundada de santas alegrias, com o coração a trasbordar de puros affectos, não podendo esquecer as horas passadas no santo azylo da virtude, no mimoso jardim onde ficaram vicejando, ao bafejo do amor e da caridade, as duas florinhas que com tanto desvelo creára, e que da melhor vontade offertera a Deus, á Virgem Santissima de quem vão ser filhas.

A nova Hospitaleira tem apenas doze annos, e alia a uma decidida vocação pela vida religiosa, uma instrucção pouco vulgar em meninas da sua idade, pois que tem exame de admissão aos lyceus, sabendo o francez e o inglez. Já veem os nossos leitores que não é uma creança *funatisada* pelos padres e sem instrucção que foi acolher-se á sombra da bandeira da caridade, mas uma menina bem educada, instruida bastante e com a intelligencia lucida para escolher a vida que melhor lhe agrade.

Está quasi no fim o seculo do arrazamento geral, mas ainda ha vocações como as da juvenil senhora que nos occupa, e corações paternos tão abraçados no fogo do amor de Deus, que tem por grande dita assistir ás santas alegrias de suas filhas, levando-as á porta do santuario, depondo-as nos braços de sua mãe espirital e de suas irmãs no sacrificio e na abnegação, para que sejam o balsamo para as grandes ulceras sociaes, para que sejam as despozadas de Christo, para que sejam o amparo dos desvalidos, a consolação dos enfermos, as amigas das creancinhas, o sustentaculo de uma sociedade que se esfacela, e que de toda a terra desaparecido se não fossem ellas, essas almas grandes que morrem contentes porque servem os seus irmãos.

Beijamos em espirito a fimbria das vestes da pequenina Hospitaleira, abraçamos o ditoso pae, enviamos um aperto de mão ao nosso bom amigo irmão da nova filha de S. Francisco e bendizemos toda a familia pela felicidade experimentalada.

A RENACÇÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

Ainda noticias de Lourdes

COMO alento aos que soffrem, e incitamento de sua fé n'Aquella que tão amiudo invocamos como *Salus infirmorum*, offerecemos hoje aos leitores a narração d'alguns assombrosos milagres, consignados nos ultimos n.ºs dos Annaes.

No Alto-Marne, um dos departamentos do norte da França, a superiora do asylo de mendicidade, de Percey-le-Cautel, religiosa da congregação do Pobre Menino Jesus, de nome Maria Magdalena, soffria ha mais de 10 annos violentas palpitações de coração, que a traziam n'um continuado tormento. Dois annos havia que este lastimoso mal se tinha complicado por uma violenta bronchite, rebelde a todos os cuidados, que trasia a pobre paciente n'um tossir incessante, e já caracterizada de bronchite tuberculosa pelo facultativo assistente.

Em julho de 86, julgando perto o termo de seus dias, dizia a enferma confidencialmente á Mãe-geral, que todos os esforços em suster os effeitos da doença, nada mais faziam que prolongar-lhe por mais tempo uma vida prestes a tocar seu fim.

Enviada para sitio de ares mais benignos, recuperou algumas forças e passou menos mal a quadra do outono e parte do inverno.

No emtanto, as melhoras eram tão sómente apparentes: era nullo o vigor; o somno e o appetite desapareceram; a tosse continuada; e se a boa religiosa punha mãos em algum trabalho, sentia-se para logo tomada de cansaço. Na primavera de 87 este estado peorou ainda. Redobrou a tosse de violencia e o desfallecimento crescia ao passo que as forças se esgotavam gradualmente, até que no mez de julho já se não levantava senão ás 11 horas para se recostar um pouco n'uma cadeira ou dar alguns passos no jardim.

Perdida então toda a esperanza na sciencia dos homens, Maria Magdalena entregava-se confiadamente ás mãos de Deus e da Virgem, dispondose generosamente a fazer-lhes sacrificio de sua vida.

Avisinhava-se a epocha da peregrinação a Lourdes (1), na qual devêra tomar parte uma outra religiosa da mesma congregação, a Irmã Margarida Maria, professora em Saint-Genest, atacada, como a sua companheira, de tísica pulmonar. Aproveu porém a Nosso Senhor chamal-a da vida presente, sem lhe consentir a graça de tomar parte na peregrinação.

Cabia então a vez a Maria Magdalena, a quem a commissão diocesana elegeu

(1) Todos os annos, entre 15 e 20 d'agosto, se dirige a Lourdes, de todos os pontos da França, uma grande peregrinação de doentes, chamada peregrinação nacional. Por toda a parte ha associações, cujos membros, d'um e outro sexo, pertencentes ás mais illustres familias, auxiliam os doentes durante a viagem e recolhem esmolas para os necessitados. A peregrinação do ultimo anno teve a gloria de obter 49 curas miraculosas, a cujo numero podemos addicionar a que n'este momento offerecemos aos leitores.

para substituir a Irmã defuncta, e a seu leito de dor lhe levaram a feliz noticia, visto serem mui raros a este tempo os dias em que se levantava. Maria Magdalena pôz-se a chorar repleta de consolação e reconhecimento, e a 16 d'agosto, as 10 horas da noite, incorporava-se entre os peregrinos na estação de Qualindrey (1).

Foi-lhe a viagem mçada de difficuldades. Em Puy sobre tudo, a misera doente teve que passar uma noite attribuladora, e, cheia de humildade, affirmava não ser digna de que a Santissima Virgem se lembrasse d'ella, ao mesmo tempo que animada em sua fé esperava o valimento celeste.

Raiou emfim o ultimo dia da viagem e a fervorosa Irmã teve a consolação de ser n'aquella mesma tarde conduzida ao banho abençoado. A emoção, a par das longas fadigas e da extrema fraqueza, paralyza-lhe os membros, a ponto de carecer de forças para dar um passo e ter que valer-se do auxilio dos enfermeiros para descer a piscina. O desfallecimento que lhe adveiu parecia marcar-lhe a hora ultima da vida; e em verdade, com a violencia das palpitações de coração, acompanhadas d'uma tísica em terceiro grão, quem, humanamente fallando, não dissera que a pobre ia encontrar morte certa no gelo d'aquella agua frigidissima? Toda a prudencia dos homens condemnaria a teimeridade d'um acto similhante; mas a Virgem, que tinha inflamado a fé de tantos filhos, accudiu a esta sua piedosa serva enchendo-a de inabalavel confiança. «*O meu Deus — clamou ella no primero estremecimento — perdoai os meus peccados! Virgem Sancta, que ha tanto me vedes a padecer, dai remedio a meus males! saraí-mel...*»

Um momento decorreu, e a Irmã Ma-

(1) A muitos infunde susto a viagem de Portugal a Lourdes, suppondo ser mui difficil realisar-a. Não é assim. Esta infirma, vinda do norte da França a Lourdes, percorreu mais espaço do que terá de percorrer quem partir das estações portuguezas mais proximas das fronteiras. Demais, muitos districtos em França, como são o Pas-de-Calais, o Nord, o Aisne, o Somme e o Ardenues, distam mais caminho de Lourdes que os pontos mais occidentaes de Portugal. A sancta Virgem, nas suas maravilhosas appareções, não circumscreveu seu designo a beneficiar somente os filhos, que a benquerem, da nação christianissima, mas sim os milhões d'elles que tem dispersos por todas as plagas do mundo. Uma mãe nunca reparte que uno seja com todos. Parece pois que a Rainha dos céos, honrando a humanidade com pór seu sacrosanto pé na superficie da terra, escolhera apropriadamente a cidade de Lourdes, centro geographico da raça latina e convergencia das principaes forças politicas e commerciaes, nao só da Europa mas do mundo inteiro. A nós pois os portuguezes, depois da abertura das linhas ferreas da Beira Alta e Douro, o ir a Lourdes é mais facil que aos nossos avós fazerem uma jornada de 10 leguas.

ria Magdalena sabia do banho dominada pela emoção, auxiliada ainda pela companheira que a ajudou a vestir. A tosse deixara de ouvir-se; n'aquella mesma tarde pediu alimento e comeu com appetite. Na seguinte manhã voltou à grutta, onde permaneceu em oração o dia inteiro, mal calçada, com os pés inteiramente molhados pela chuva torrencial que de continuo cahia. No meio dos peregrinos que tiritavam, ella, como insensivel aos rigores da atmosfera, orou horas e horas, com os braços em cruz, ajoelhada, ou em pé, consoante as inspirações de seu fervor. Ninguem mais ouviu que tossisse ou revelasse fadiga; toda a noite seguinte dormiu confortavelmente, e, chegada manhã, corre de novo para a grutta, a prolongar a acção de graças, onde, sem attender ao frio e à chuva que continuava, não mais revelou indicios de tosse.

Concluiu a peregrinação sem fadiga, possuindo desde aquella epocha um appetite invejavel. Aquella debil creatura, minguada de forças, torturada de fastio e de insomnias, tossindo e expectorando a cada momento, de pé já posta na borda do sepulcro, ostenta agora, passados cinco mezes, uma cor e uma nutrição de saude, levanta-se ás horas matinaes da comunidade, applica-se aos trabalhos mais rudes, merecendo-lhe especial devoção consagrar, no asylo, ao cuidado dos velhos o novo periodo de vida que miraculosamente lhe concedera a Sanctissima Virgem.

A par de Maria Magdalena, clamemos nós tambem: Gloria a Deus! Gloria a Maria Immaculada!

* * *

Outro facto maravilhoso, pouco mais recente que o anterior, se offerece á nossa contemplação, sendo com elle favorecida a Irmã Maria Luiza Manuela, religiosa de S. José de Chambery. Oigamos como a venturosa miraculada se exprime relativamente a mais esta gloria de Maria.

«Accommettida de doença da espinha dorsal, complicada com outro padecimento grave, cujo apparecimento data de 1879, vi-me em perigo serio em fevereiro de 86, apezar da competencia e sollicitude de dois medicos que successivamente me tractaram, os quaes, dada a esperanza de me verem melhorada, me abandonaram em janeiro de 87. Desalentada pela inefficacia da sciencia, puz inteiramente de parte medicos e medicamentos, e toda me descançei nas mãos do meu Deus, resoluta á vida ou á morte, consoante seus indiscutiveis designios.

«Nó emtanto, ia a doença de mal em peor. Incapaz de me suster de pé

alguns segundos, com grave difficuldade caminhava um pouco arrimada a um bordão e amparada por braço amigo. O mais pequeno obstaculo era bastante para me deter, tal era a debeldade de meus membros, augmentada ainda por soffrimentos atrozes provenientes de qualquer movimento. Quer assentada, quer deitada, toda a posição me era tormentosa em extremo e causadora de dores continuas. Era emfim tão sensivel o abatimento em que eu estava, que não podendo muita vez nem recitar uma Ave Maria em voz baixa, resignava-me em tão sómente repetir no intimo de minha alma: *Seja, ó meu Deus, feita em mim a vossa sanctissima vontade.*

«Chegando porém fins de agosto, leve a nossa Madre Superiora a inspirada lembrança de me mandar fazer a mim e á comunidade uma novena a Nossa Senhora de Lourdes, implorando a cura de minha enfermidade, com promessa de me mandar em peregrinação a Lourdes agradecer á nossa boa Mãe, se ella se dignasse attender ao nosso pedir. Começou pois a novena, simultaneamente acompanhada d'uma novena de missas celebradas na capella pela mesma intenção, á qual eu, vencendo os tormentos do meu mal, pude assistir sem interrupção, tomando n'aquelles mesmos dias algumas gottas da agua miraculosa e banhando externamente os sitios mais dolorosos do corpo.

«Não se fez rogada por muito tempo a Virgem Sancta, que ao sexto dia da novena, durante o sancto sacrificio da missa, ao qual como de costume eu assistia recostada n'uma cadeira de braços, sentindo quasi ao fim da missa umas dores violentissimas que jamais tinha soffrido, vi-me tomada d'uma commoção insolita acompanhada d'uma fermentação que me percorreu todos os membros. N'aquelle instante, uma vida nova me animou de subito e todo o mal desapareceu n'um momento! Oh! quanto é maravilhoso o poder de Maria Immaculada!

«Ajoelho, a dar graças d'aquella generosa e immerecida mercè, e ao levantar-me, possuidora de novo das minhas forças juvenis, caminho com passo firme, sem carencia já de nenhum auxilio extranho. A admiração e o espanto de minhas companheiras e das pessoas que me conheciam, cresce a tal ponto que mal podem crer o que viam. A mim mesma me parecia estar subjugada pela oppressora influencia d'um sonho.

«Mas não, não era sonho. Após minha peregrinação a Lourdes, em cumprimento da promessa feita, desempenho com facilidade todas as funcções do meu cargo, que exigem actividade e

movimento, e percorro a pé bom numero de kilometros, sem que me assalte a menor fadiga (*sans en être le moins du monde incommodé*).

Perante a munificencia sem par com que a Thesoureira dos Ceos acode a proyer as necessidades de seus filhos, repitamos cheios de jubilo com o poeta christão:

In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura é di bontate!

Abril—29 de 88.

M. F.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

XX

Os institutos religiosos na sua origem e nos tempos modernos

(Continuado do n.º 13)

ALLA-SE com grande encomio da educação do povo, e criam-se institutos litterarios cujos exagerados direitos são uma burla ás aspirações justas e legítimas, ficando sem cultura genios distinctos e defraudada muitas vezes a esperanza da patria. Onde tem encontrado o pobre povo a educação gratuita fora dos collegios Escolapios, Jesuiticos, Dominicos, Franciscanos e Agustinos? As classes desvalidas acharam nos institutos religiosos protecção, alimento, conselhos e ensino: professavam aquella regra muitos jovens, e os que por falta de recursos não podiam receber uma educação mais ampla nem aspirar a elevadas posições, saíram dos mosteiros para honrar a sua patria como homens de Estado, habeis diplomaticos e prelados eminentes.

Nos claustros educaram-se grandes litteratos e escriptores, e nos conventos encontravam protecção artistas celebres, a cujo genio se devem sumptuosos edificios ornamentados com riquissimas estatuas e pinturas. Ainda podem admirar-se frescos e relevos surprehendedes, que decóram abobadadas magnificas em imminente ruina, bellissimas miniaturas trabalhadas em pergaminhos carcomidos pelo pó e pela traça, talhas delicadas que o barbaro idiotismo mutilou, e preciosas fundições de ouro, prata e bronze foram vendidas pelo seu peso (1).

(1) Entre as destruições de edificios que tão eloquentemente condemnam a administração revolucionaria de Hespanha, temos a lamentar a do mosteiro do Parral em Segovia, cuja igreja, capellas e claustros derruidos com os seus bellissimos pantheões fazem a apologia d'esse liberalismo barbaro, inimigo das artes.

Os institutos regulares davam actividade, vida e fomento ás artes, cuja decadencia em Hespanha traz a sua origem da destruição do claustro. A Christovão Colombo, despresado e miseravel, dispensou caritativa hospedagem em um convento, e os pobres religiosos foram os seus melhores amigos e zelosos protectores, contribuindo d'este modo para o descobrimento do novo continente, cujos ultimos restos se conservam debaixo da dependencia hespanhola só pelo esforço dos frades (1).

Prolongariamos excessivamente o nosso trabalho se houvessem de escrever-se todos os immensos bens que a humanidade tem recebido das corporações regulares. Indicamos apenas alguns pensamentos para responder ás calumnias acolhidas por catholicos demasiado frivolos, e cuja escassa instrução os leva a acreditar quantas vulgaridades se propalam contra uns institutos que o protestantismo logrou abolir em Hespanha, ao mesmo tempo que nos paizes estrangeiros se estabelecem.

Os nossos homens d'estado assustam-se dos frades que nações cultas e illustradas acolhem cordalmente; os frades percorrem os campos, villas e cidades de Inglaterra, Prussia e França, bem como da Confederação Americana, sem que a liberdade, a vida industrial, a agricultura e o commercio d'esses estados tenham succumbido.

Os bens monachaes procediam principalmente de legados pios e caritativos, acompanhados sempre de onerosos encargos, que costumavam consistir em suffragios, soccorros a viuas, dotes e sustentação de hospicios, ensino e hospitaes; e o Estado, que não cura de cumprir semelhantes obrigações, encontrou mais riqueza que a que existia em realidade, mas a classe desvalida ficou sem o beneficio que as casas religiosas e aquelles estabelecimentos de caridade lhe proporcionavam.

Aos monges pagava-se pela cultura das suas terras rendas modicas em fructos, e os novos proprietarios, augmentando com excesso as pensões, fazem soffrer ao infeliz cultivador os apuros d'uma vida miseravel sacrificada á sustentação do luxo do novo feudalismo. Taes são os beneficios que o povo tirou da extincção dos conventos!

Concluiremos, por fim, este capitulo com a opinião d'um orador eloquentissimo e notavel publicista sobre os prejuizos que experimenta a classe proletaria pela inconsiderada abolição das

(1) Os PP. Missionarios, que estão prestando grandes serviços á Hespanha.

propriedades ecclesiasticas. «As cousas humanas estão sempre, ainda as mais vantajosas, sujeitas a inconvenientes: é-o, e não pequeno, as corporações não tirarem da terra todo o fructo como a mão do proprietario particular; é-o tambem, e ainda maior imperoar a sorte dos pobres e indigentes, privando as mesmas corporações do direito de possuir. Que é dos colonos e arrendatarios de escassos haveres e de mediocres meios, que é dos jornaleiros, desde que as terras pertencentes aos conventos e ás cathedraes passaram para mãos alheias que as usufruem e elevam a renda até onde esta possa produzir o capital? Que é d'elles desde que em lugar de se entenderem com um mosteiro naturalmente desinteressado, tem de se haver com um proprietario particular, com razão empenhado em augmentar a herança de seus filhos e os seus proprios regalos? Uma nação não só é rica por possuir grandes rendas, senão tambem por ter poucos pobres, e por attendel-os e cuidar d'elles... Se se conservassem grandes porções de terra nas mãos dos cabidos, conventos e municipios, seria mais favoravel a sorte dos pobres, não só porque estes seriam menos tyrannisados e saugrados, e mais soccorridos e ajudados pelo desinteresse e nobreza daquellas religiosas instituições (desinteresse a que os desamortizadores chamam abandono), mas tambem porque os outros proprietarios se veriam obrigados a seguir em parte o bom exemplo, e o daquellas corporações serviria até certo ponto de regulador para a evitação de demasias. O governo não deve nem pode ferir o direito de propriedade impondo-lhe taxas e condições que o menoscabem: mas pode e deve permittir que haja quem olhe pelos desvalidos, servindo de modelo, dando exemplos de generosidade aos avarentos. Quem ha de fazer isto quando desapareçam as corporações proprietarias? Quem se encarregará de tão nobre tarefa quando as corporações civis (*ayuntamientos*) sejam financeiras, como agora se chama ás que possuem papel do Estado, e quando o clero, as cathedraes e os conventos sejam dependentes do Thesouro publico e do orçamento (1).»

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

(1) *Vida de Jovellanos*, pelo Sr. D. Candedo Nocedal, paginas 186 e 187.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis
da Companhia de Jesus

n.º

(Continuado do n.º anterior)

XIV

P. Diniz Petau

ESTE nome eclipsou todos os que até o seu tempo se tinham ennobrecido nos bancos da eschola: alcançou uma reputação extraordinaria por sua sciencia universal, por sua vastissima litteratura. Com razão é denominado a *Agua dos jesuitas*, por causa da elevação do seu genio.

Diniz Petau nasceu na cidade de Orleans, em 1583, e de idade de 22 annos entrou na Companhia de Jesus, sendo já conhecido como professor de philosophia em Bourges. As linguas sabias, as sciencias, as bellas artes, nada tiveram de occulto para elle; em tudo foi summamente erudito.

Applicou-se especialmente á chronologia, e n'este genero teve a gloria de se collocar acima de quasi todos os sabios da Europa.

Este jesuita escrevia tão bellamente em prosa como em verso, imitando perfeitamente o estylo de Cicero e de Virgilio, nas suas obras em latim.

Os sabios da Europa o consultavam; os Bispos acceitavam as suas decisões, e elle é proclamado o restaurador da theologia dogmatica.

Nenhum dos bons auctores da antiguidade lhe era desconhecido. A natureza lhe tinha concedido uma memoria prodigiosa, a arte veio ainda em auxilio do talento. Para não carregar muito a memoria, depoz uma parte de seus conhecimentos em certos compendios feitos com tanto methodo como justeza.

Petau era d'um caracter cheio de fogo: sustentou muitas disputas com calor e vantagem. Foi um dos primeiros que combateu os erros de Antonio Arnaldo, famoso jansenista. O seu merito não consistia só em ser um homem erudito, mas na graça e no encanto que apresenta nos seus escriptos.

Quando elle se propoz escrever sobre chronologia, tomou um mestre para lhe ensinar a sciencia astronomica. No fim d'algumas lições, o mestre retirou-se, imaginando que só por gracejo é que um tal discipulo se tinha posto sob a sua direcção: Diniz Petau era um mestre consummado em todas as sciencias.

Mas, sendo um homem tão sabio, de tanta fama no mundo, não era menos humilde e modesto. O Summo Pontifice

Urbano VIII, concededor do grande merito d'este jesuita, de accordo com o rei de França, pretendeu eleva-lo ao cardinalado. A esta noticia, o humilde religioso treme e empallidece; recorre-se á sua cella, chora e declara que se o Papa persiste em revistil-o da purpura romana, sem duvida morrerá. Emfim, recusa terminantemente a dignidade.

No meio d'isto é atacado d'uma febre tão intensa, que não houve remedio senão desistirem a Santa Sé e a corte de França do projecto de o fazer cardeal.

Esta declaração provocou uma crise feliz, e, quando o humilde jesuita se restabeleceu, o Papa e o rei não ousaram expor a sua vida a uma igual prova. A sua unica ambição era o estudo e a oração na sua cella, como verdadeiro filho de Santo Ignacio.

Morreu este doutissimo jesuita a 11 de dezembro de 1652, com a bem merecida reputação d'um sabio de primeira ordem, como lhe chama Du-Pin, ainda que desafecto á Companhia de Jesus.

Escreveu um grande numero de obras muito estimadas de todos os sabios, de qualquer opinião: versam principalmente sobre os dogmas catholicos, a hierarchia ecclesiastica e a chronologia. Traduziu em versos gregos os Salmos de David, trabalho primoroso que pela harmonia do verso pôde rivalisar com o que ha de melhor nos auctores gregos.

Fez sabias edições d'alguns escriptos antigos, e tambem publicou varios escriptos contra os jansenistas.

Por ultimo advertiremos que este doutissimo jesuita, acceitando e respeitando os principios fundamentaes da philosophia escolastica, não raras vezes e quasi sempre se separou do seu methodo emquanto á forma.

Diniz Petau parece ter seguido a regra de Santo Alberto Magno, servindo-se do methodo expositivo, sem desprezar inteiramente o escolastico.

E, além d'isso, foi este o systema que depois abraçaram os homens mais eminentes, como Bossuet, Fenelon e outros.

(Continua).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

A Questão Agraria da Madeira

Origens da decadencia e lucta
entre colono e senhorio

A verdade á face do paiz da Carta

IV

(Continuado do n.º 13)

Al do pobre r'idão' da sua
sujeição aluda ninguem fal-
louf...
Cur non?...

És que chegamos ao coração da questão: as origens da decadencia da Ilha da Madeira e lucta entre colono e senhorio.

É meu conceito, que sem se estudar a historia da propriedade agricola na Madeira para conhecer-se se a colonia é um simples contracto de arrendamento, ou parceria, ou se os colonos têm mais direitos que um simples arrendatario, não pôde conhecer-se a questão a fundo.

É sabido que desde a descoberta da Ilha se deram varias providencias, relativas ao arroteamento e occupação das terras, e o aproveitamento das aguas na Ilha.

Essas providencias, porém, são geralmente desconhecidas. Jazem nos archivos publicos; observando-se um estado de cousas, provavelmente filho d'essas providencias, mas que bem denota o abuso, e a escravidão que houve; ou o desconhecimento do que no futuro haviam de produzir taes providencias, protegendo os interesses das classes poderosas, ou os presentes, sem attenção ao futuro.

O mal cavou fundo, e agora só se vê um cancro, que obsta ao desenvolvimento da Ilha, e que lhe traz a sua ruina, porque não será sem resistencia (facil a debellar) que se adoptarão as medidas, que ficam indicadas; e d'outra forma não haverá regeneração possível.

Cumpra ao Governo o providenciar quanto antes; o momento é chegado, a occasião é propicia.

A questão simplificada, é que as terras passem para os colonos com uma pensão ou renda certa para estes as agricultarem livremente, e como quizerem.

É sabido que a agricultura não prospera em quanto se não dam estes factos.

A historia dos tempos o mostra, e se se vêem na Madeira e por essa causa milhares de colonos infelizes que aliás

seriam bons proprietarios, se a organisação da propriedade ali fôsse outra.

* * *

E' pouco conhecido a forma como se estabeleceu a colonia na Madeira, observando-se que os direitos dos colonos são pouco respeitadas. Ai do pobre *villão!* da sua sujeição ainda ninguem fallou.

O que se observa é o seguinte:

Os colonos vivem sobre as terras dos senhorios. São senhores das bemfeitorias, que consiste nas plantações, paredes de suporte, arroteamento das terras, casas de habitação, palheiros, etc.; os quaes vendem estes objectos, dão, trocam, e dividem entre os herdeiros na morte dos paes, ou antecessores, e d'elles se fazem inventarios judiciaes, e isto ha seculos.

Isto, porém, nada vale diante da vontade potente do senhorio! Nem a compra, ou outro qualquer titulo de aquisição, porque o colono entrou para a colonia, vale cousa alguma! O colono é excluído. N'isto é que está a falsa posição do colono, e do proprio senhorio.

O colono não tem certeza nem estabilidade na sua propriedade, não a melhora, e por essa razão, se quer, não pôde fazer uma transacção vantajosa sobre ella, porque o novo adquirante a seu turno tambem é excluído.

O senhorio tambem não, porque, não tem a sua propriedade livre e desembaraçada, e por isso tambem não acha facilmente quem transija sobre ella.

Muitos colonos não melhoram a propriedade, visto que de fructos d'ahi provenientes, têm de dar a dimidia ao senhorio. Prejudicam-se para prejudicar o senhorio.

Dizem mesmo (é um axioma lá entre elles) «que não estão para trabalhar para o senhorio.»

Outros colonos, para dificultarem a exclusão, fazem sobre a terra bemfeitorias pouco, ou nada, uteis.

Os senhorios tambem para terem mais facilidade na exclusão muitas vezes obstam que os colonos façam bemfeitorias de grande valor. E eis aqui bem patentes as causas da lucta dos colonos e senhorios, e por conseguinte da decadencia da desventurada Madeira!

* * *

Outros motivos há não menos ponderosos para essa decadencia e lucta, e são certamente a forma da cobrança e partilha dos fructos entre os colonos e senhorios.

Ai do pobre *villão!* da sua sujeição ainda ninguem fallou!...

Os colonos, como já fica dito, são senhores das bemfeitorias, de mais valor

que o térreo dos senhorios, fazem todos os trabalhos agricolas, compram os adubos e aguas para as regas e partem com os senhorios, em geral a dimidia, todos os fructos.

Aqui já ha uma grande desigualdade, porque na partilha se não attende ao capital que os colonos têm sobre a terra dos senhorios que são as suas bemfeitorias de mais valor que a terra do senhorio, e que compraram ou herdaram dos passados.

Mas ainda ha motivos para mais queixas dos infelizes colonos.

Os senhorios recebem as suas rendas, ou dimidias, por intermedio de feitores e olheiros, aos quaes interessam na arrecadação, dando-lhes uma percentagem do total arrecadado (1). Como o interesse d'estes agentes está no augmento da receita, é evidente, que não de empregar todos os meios para augmento d'ella. D'aqui vêem os grandes vexames aos colonos, a que muitas vezes os senhorios são estranhos.

* * *

Oiçam: Ai do pobre *villão!* da sua sujeição ainda ninguem fallou!...

Oiçam: De tudo os senhorios ali pedem partilha. Das couves, dos matos, das hervas, da rama da batata doce, das aboboras, e finalmente das aguas. Nas partilhas d'estes objectos é que ha as maiores crueldades.

Os colonos não podem prescindir do uso quotidiano d'estes objectos: ou não de arrendar isso por um preço que não podem pagar, e arruinam-se, ou não de partir na terra. Porém os feitores, a quem não convem a partilha d'aquellas ninharias diarias, difficultam-se, e não assistem ás partilhas.

Os colonos ou perdem esses objectos, ou os colhem. N'este caso os olheiros (que são para esse fim) e feitores cahem-lhes em cima com a Justiça e pedem não o dobro, mas o tresdobro, e mais; porque colheram sem serem presentes á partilha.

Os colonos geralmente pagam para evitarem a questão que lhes sabe mais cara. Escandalisam-se, e não cultivam taes objectos. Entra-lhes a fome em casa. O milho e o arroz é o ultimo recurso para substituirem aquelles objectos, que com tanta facilidade podiam ter produzido.

Umaz vezes os feitores para vingarem-se de qualquer contrariedade dos

(1) Este proceder é moderno; elle é devido aos *novos senhorios*. E' elle que tem dado motivos para muita oppressão dos feitores sobre os colonos, e por isso degenerando essa lucta occulta, para a lucta aberta nos tumultos contra os governos. Remedio! Remedio!

colonos (1) tiram-lhes as aguas. Estes perdem, por falta d'agua para regas, as culturas. Outras vezes poem as aguas em leilão para serem arrendadas a quem maior preço offerece (2). Por um capricho, que mal se explica, os colonos arruinam-se uns aos outros, elevando a renda das aguas a um preço exagerado. N'isto e n'um pessimo systema do emprego das aguas está outra causa da pobreza popular.

O vinho é partido á bica do lagar, a canna doce pezada para a partilha sobre a terra, o trigo arbitrado por um avaliador (que é o avaliador da casa do senhorio), que vae no tempo da colheita, e ainda por apanhar, ver o trigo, e calcular o que o colono ha de pagar. Não é este calculo quasi sempre erroneo? E' quasi sempre em continente a esta estimativa, que se observa pelos campos o pranto dos fillos, das mulheres, dos pobres cazeiros correndo em chusmas atraz do avaliador pedindo-lhe uma baixa no calculo que revelou ter feito. Mas este juiz-tyrannete julgou, e timbra, ao lado do feitor e ajudado por este, a sustentar que ainda mui baixa foi feita a sua avaliação! Irrisão pungente!

Em vista do exposto se vê que a posição dos colonos na Madeira é triste. Ai do pobre *villão!* da sua sujeição ainda ninguem fallou!...

Partindo com os senhorios os fructos principaes da terra, comprando a agua para as regas, os matos para adubos, e até as lenhas, que não podem trazer das terras dos senhorios, e por isso têm de trazel-as das serras de grandes distancias, os colonos passam uma vida miseravel e pobre. Resta-lhes a emigração. Ficam evidentes as causas d'esta, e de não prosperar a riqueza publica, porque obestado d'aquelle modo o desenvolvimento agricola, principal fonte d'essa riqueza, prosperidade não pôde haver; mas só sim miseria e oppressão!

* * *

Senhores do Governo! Esses tempos dos primitivos colonos, dos escravos e deportados, passaram! E agora precisa o Governo, que se intitula liberal! olhar por aquellas populações para desenvolver o seu progresso; e não permanecer selvagens e escravas sob o dominio d'uma nação civilisada.

Ilaverá prejuizo para os senhorios em adoptar-se medidas tendentes a isso? Ilaverá: porém não tanto como parece.

(1) Contrariedades eleitoraes, ou outras.
(2) Este facto das arrematações das aguas é d'un effeito incrível; é elle que mais tem anarchisado o pobre cerebro d'aquella pobre gente! Remedio! Remedio!

Os senhorios não podem ser felizes entre tantos desgraçados, nem à custa d'elles, e convertendo em certos os fructos incertos que recebem, dispensavam os feitores e olheiros, e revertiam em seu favor o que estes lucravam. E além d'isso a sua renda ou pensão certa seria calculada segundo o termo proximo de que recebem.

Pela promulgação do Decreto de 13 de Agosto de 1832 e Lei de 22 de Junho de 1846 algumas classes foram prejudicadas. O que é preciso, é que os senhorios paguem as bemfeitorias aos colonos, explorando a propriedade por sua conta ou a passe para os colonos perpetuamente pagando estes uma quota fixa, segundo o merecer a terra, sendo por sua conta e em seu proveito o mais que explorar e beneficiar á sua conta.

Emlim a questão é grave, de alta importancia; cumpre ao governo estudal-a, discutil-a, resolvel-a.

Russia, châtean de Raulany,
aos 27 de Janeiro de 1883.

José Carlos de Faria e Castro.

Importancia da educação physica e da gymnastica

II

(Continuado do n.º anterior)

ESTES exercicios que são, por assim dizer, preparatorios para os da gymnastica comprehendem o trabalho, os brinquedos, as carreiras, os saltos e outros movimentos quotidianos, que desenvolvem, fortalecem e tornam vigorosos, ageis e flexiveis os membros, dão saude e preservam de certas moléstias que poderiam apparecer se elles não se fizessem; isto pelo que toca ao corpo, porque em relação á alma tornam mais puros os sentimentos, a intelligencia mais vigorosa e atilada, e dão mais força á vontade, fazendo-a mais senhora do corpo e menos pusillanime.

O enervamento do corpo produz o enervamento do espirito, e vice-versa o vigor do corpo produz o vigor do espirito, dando razão ao proverbio que diz: *Mens sana in corpore sano*. Os exercicios corporaes que acabo de mencionar produzem tambem equilibrio e harmonia entre o espirito e o corpo, de forma que não haja indifferença pelas cousas corporeas e materiaes, nem o sensualismo corruptor que entorpece e mata o espirito.

Ora, se estes exercicios preparatorios, que não constituem ainda a gymnastica, porque ella só toma este

nome quando os exercicios se fazem n'uma ordem regular e systematica, se estes exercicios, digo, tanto contribuem para a saude e vigor do corpo e do espirito, o que não succederá com a gymnastica propriamente dita, em que não se exercitam e fortalecem sómente taes ou taes membros, mas todos uns após outros successiva e systematicamente?

A gymnastica, especialmente nas grandes povoações, é da maior utilidade, e direi mesmo, necessidade, porque a vida nos grandes centros de população, incluindo a das creanças, é mais sedentaria que nas pequenas terras, em que o trabalho se faz quasi sempre ao ar livre, de formas muito variadas. e em que as creanças não estão a maior parte do tempo em casa, e sim pelo campo, correndo, saltando, trepando ás arvores, luctando, etc. Estes exercicios nas pequenas povoações quasi que dispensam a gymnastica, o que não acontece nos grandes centros, em que a gymnastica regular é indispensavel.

E' necessario, porem, que não se abuse d'elles, assim como dos da gymnastica propriamente dita, porque levando-se ao excesso, ou não havendo com elles as necessarias cautelas, podem fazer muito mal em lugar de fazerem bem á saude. O aphorismo—*In medio consistit virtus*—tem aqui boa applicação e não se deve perder de vista.

Os exercicios acrobaticos devem ser banidos quando se tratar da educação physica por meio da gymnastica, porque são muito perigosos e quasi sempre mais prejudiciaes do que salutaes, pois que despertam as disposições para certas doencas organicas.

Disse eu no principio d'este artigo que a gymnastica é uma arte, e de facto assim é, consistindo ella no exercicio systematico de todos os orgãos do corpo executado em harmonia com regras determinadas, e baseado nas leis anatomicas e physiologicas do nosso corpo.

Os exercicios gymnasticos são, pois, muito importantes e podem produzir, entre outros, os seguintes resultados:

1.º Desenvolver nos homens são a robustez e o vigor, conservando-lhes as condições de perfeita saude e oppondo-se indirectamente á manifestação de qualquer estado doentio;

2.º Fazer voltar á sua harmonia natural um organismo enfraquecido e que padeça de tal ou tal doença chronica.

A gymnastica, n'este caso, pode dividir-se em duas partes:

1.ª Gymnastica para os não doentes ou *gymnastica prophylactica*;

2.ª Gymnastica para os doentes ou *gymnastica curativa*.

Foi fazendo exercicio d'esgrima que

Pedro Henrique Ling, academico sueco, o homem que nos ultimos tempos deu maior impulso ao ensino da gymnastica, conseguiu curar-se d'uma paralyisia rheumatica n'um braço.

Em vista do exposto entendo que se deve cuidar mais da educação physica d'ora em diante, do que se tem cuidado até agora.

Estabeleçam-se gymnasios nas principaes povoações, dotem-se as escolas primarias, principalmente as d'ensino complementar, com o material necessario para o ensino da gymnastica, ensine-se esta com as necessarias cautelas, e veremos surgir gerações fortes, vigorosas, aptas para o trabalho, e desaparecerem esses seres anemicos que, como cadaveres ambulantes, percorrem as ruas das nossas cidades.

«Não é necessario, diz o notavel pedagogista Mr. Charbonneau, um material dispendioso e complicado: muitos exercicios gymnasticos, e dos melhores, não exigem instrumentos; para outros, será preciso fazer apenas uso dos aparelhos elementares e realmente uteis, que se podem obter e estabelecer em todas as localidades.»

Estabeleçam se, porque com isso, a meu vêr, ganhará a sociedade.

Casimiro Dias Grillo.

SECÇÃO LITTERARIA

PELA CHARNECA

No tranquillo horizonte afogueado, descera, ha tempo, o astro moribundo. Vinha assomando ao parano profundo, da noite o doce vulto constellado.

Era a sós a charneca, e pavorosa, como as vastas clareiras das soidões. Da luz ás derradeiras diffusões, era triste, selvatica e saudosa.

Por entre o mato humilde e tão grossieiro, em curva a senda agreste serpeava. Arrastado, monotono soava, dos ralos o concerto, em cada outeiro.

Esparsa pelas humidas vertentes, dos chaparros corria o vulto esguio. Pela encosta, onde a chara já floriu, signaes de uma queimada são patentes.

Ouviam-se distante, e concertados, os chocinhos confusos de um armento. Tremalhado, soberbo, a passo lento, acorda um toiro os eccos socegados.

E o pallido viajante de um transpasse ia pensando em scenas homicidas; no sangue que, em refregas mal feridas, o chão sinistramente maculava.

E, subito, fataes, e em sua frente, relampejam dois olhos coruscantes. Tal dos lobos esqualidos e errantes, reluz na treva o fulvo olhar candente.

O dorso arqueando, a fera sobre o chão, felinamente ao salto se ageitava. E, lesto, sobre se atirava, mordendo no corcel, o duro arção.

Resvala em terra, e estruge enrouquecida,
arregaçando a bocca anavalhada.
Accommette de novo, e na assaltada,
mais que em risco, o vinjôr lamenta a vida.

Mas as corcovas e os galões violentos
do andaluz nos freios sujeitando,
o viajante um revolver apontando,
no molosso espreitára os movimentos.

Mais e mais o combate se accendia!
Rabido espuma o tragico rafeiro!
Mas ao pular, no salto mais corteiro,
um tiro escôa, e a fera no chão caia.

Eil-o em terra! Nos flancos reforçados,
nem a mais leve contracção palpita.
De inerte, nem a palpobra se agita;
sangue e espuma discorrem misturados.

E ora ainda soberbo e magestoso,
qual por terra prostrado, um legionario.
Da procella abatido ao sopro vario,
é nobre sempre o queroo rumoroso.

Os astros já semeavam toda a altura;
a charneca era argentea, era indocisa.
Do curto mato, a senda que desliza,
já mal se vê, por entre a rama escura.

E incolume o viajôr afortunado,
sentindo, em torno, o olôr do rosmarinho,
proseguia pelas sombras do caminho,
demandando o remoto povoado.

Mattos Ferreira,
prior em Cintra.

SECÇÃO ILUSTRADA

XXVII

S. Ex.^a Rv.^{ma} o Snr. D. João Rebello
Cardoso de Menezes, Arcebispo de
Larissa, coadjuctor e futuro suc-
cessor do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Bispo
de Lamego

(Continuado do n.º 13)

No dia 7 de dezembro de 1884, mon-
senhor João Rebello foi sagrado arce-
bispo de Mitylene, na formosa egreja
do seminario patriarchal de Santarem;
foi sagrante o em.^{mo} sr. Cardeal Pa-
triarcha e assistentes os ex.^{mos} arcebis-
po-bispo do Algarve D. Antonio Mendes
Bello e bispo de Macau, D. Antonio
Joaquim de Medeiros. Logo depois Sua
Santidade lhe conferiu o grau de Doutor
na sagrada theologia, por diploma de
16 de dezembro de 1884.

Entrando no desempenho das suas
novas e arduas obrigações, como Pro-
visor e Vigario Geral do Patriarchado,
tornou-se desde logo querido do clero
e mais pessoas que com elle tratavam,
pela affabilidade e lhaneza com que
recebia e attendia a todos. Valeu a
bastantes infortunios, preveniu e re-
mediou não poucas miserias; evitando
subir á soberba regidez, que escanda-
lisa e affronta, e descer ao patronato
vicioso, que desautorisa e deslustra
a grave missão de juiz: era segundo
a phrase do Evangelho, *incansavel*

obreiro da vinha do Senhor; no desem-
penho das multiplas e laboriosas obri-
gações dos seus elevados cargos, bem
como no dos seus deveres como inini-
stro da Egreja e Predado modello, pré-
gando, confessando, doutrinando, fazen-
do ordenações, chrismando, emfim, co-
adjuvando o parochio da egreja onde
celebrava quotidianamente, em tudo
quanto era mistér! Maior zelo, melhor
boa vontade, mais humildade e des-
prendimento d'isso que se chama vai-
dade e vangloria mundana, hade ser
raro encontrar-se n'estes tempos de
egoismo fatuo e cynicamente soberbo.

Como orador sagrado deixou n'esta
capital as mais saudosas recordações,
e um vacuo difficil de preencher. Os
parochos e irmandades que pretendiam
celebrar com mais pompa as festivi-
dades religiosas, as egrejas conventuaes
e confrarias pobres, que não tinham
esmola para retribuirem aos prégado-
res, iam ter com o incansavel e cari-
lativo arcebispo de Mitylene e... o
orador não faltava, era elle que «reco-
nhecido agradecia o honroso convite».
Era a phrase habitual de manifestar a
sua annuencia. Dias houve que teve de
prégar em tres ou quatro egrejas, sem
que por isso se mostrasse fatigado ou
aborrecido.

No vasto e magestoso templo de S.
Vicente de Fóra fez sua ex.^a, durante
a quaresma dos tres ultimos annos,
magnificas conferencias religioso-philo-
sophicas que lhe mereceram justos elo-
gios de importantes homens de letras,
que iam ouvílo attrahidos pelo que
constava ácerca da sua erudita, primo-
rosa e vernacula eloquencia.

A despedida de sua ex.^a foi uma
manifestação imponente; grata e inde-
level recordação devia ella imprimir
no bondoso coração do preclarissimo
prelado. Na *gare* do caminho de ferro,
na occasião da partida de sua ex.^a,
vimos cêrca de 300 pessoas, represen-
tando todas as classes sociaes da capi-
tal; desde o humilde presbytero e mo-
desto artista, até ao aristocrata de
sangue, e o ex.^{mo} Nuncio de Sua San-
tidade: vimos lá commerciantes, in-
dustriaes, altos funcionarios publicos,
jornalistas, desembargadores e empre-
gados da Relação e secretarias eccle-
siasticas, alguns prelados que se acha-
vam em Lisboa, etc.

O parochio e moradores da freguezia
de S. Vicente de Fóra, que tantos ser-
viços voluntarios e desinteressados lhe
deviam, quizeram na despedida dar-lhe
um testemunho da sua gratidão, offe-
recendo-lhe o retrato de sua ex.^a pin-
tado a oleo, pelo habil pintor Christino,
cujo trabalho, digamol-o de passagem,
foi justamente elogiado por todos os
que o viram.»

Ahi ficam apontados os serviços por

S. Ex.^a Rv.^{ma} prestados á Egreja até
sair de Lisboa e deixar o cargo de Vi-
gario Geral do Patriarchado. O que tem
feito como governador do Bispado de
Lamego bem conhecido é de nossos
leitores, que por vezes aqui o temos
referido. E nem é para um artigo de
jornal o muito que ha a dizer do digno
Prelado lamecense; a historia em cara-
cteres d'ouro se encarregará de deixar
memoria do virtuoso sacerdote, do in-
cansavel missionario, do dignissimo
Bispo.

XXVIII

Castello de Nantes

Nas margens do Loire, em França,
ergue-se a cidade de Nantes com o seu
formoso castello, que hoje damos em
gravura a nossos leitores. E' fundação
de Francisco II, no seculo XV, obra ma-
gnifica com salões onde se observa um
formoso exemplar da architectura que
precedeu a renascença.

Aqui estiveram presos o Cardeal de
Ritz, Fouquet, e a duqueza de Berry.

Este castello é digno de ver-se pela
sua fortaleza e vastidão.

XXIX

Os cães em Londres

Pôde dar-se aos leitores d'uma re-
vista illustrada uma gravura represen-
tando um congresso de cães, desde
que a *caridade* dos protestantes, que
esquece os soffrimentos e miserias hu-
manas, funda, sustenta e apresenta á
admiração dos visitantes, hospitaes e
asylos para todos os animaes, sendo
principalmente ali tratados com cari-
nhoso esmero os cães.

N'estas instituições ha consultas to-
dos os dias e a todas as horas, estando
ali os mais afamados veterinarios do
paiz. Ha ainda asylos para cães inva-
lidados, etc. etc. etc.

A' vista d'isto não admira que n'es-
tes estabelecimentos haja salas confort-
taveis para os *cidadãos* caninos se reu-
nirem em animado *cavaco*, como a nos-
sa gravura os representa.

A par d'este luxo para os cães, são
medonhos os antros que abundam em
Londres, onde a miseria toma propor-
ções espantosas.

Caridade protestante!

R.

Aos nossos bondosos assignantes
de Lisboa

Não podendo o nosso bom
amigo Snr. José Franco de
Souza encarregar-se de re-
ceber as importancias das

assignaturas da Capital, lembramos a todos os nossos assignantes que o nosso bom amigo tambem, Sr. Joaquim Antonio Pacheco, na Livraria Catholica, se encarrega de bom grado de receber qualquer quantia, podendo portanto ser-lhe entregue, participando-nos em bilhete postal para fazermos a respectiva descarga e enviar os respectivos recibos.

A COBRANÇA

Como bem prevenimos os nossos

zer outro o que de fórma alguma nos agrada, e nem fica bem a quem não paga sendo avisado por tantos modos.

Visto que para alguns não serviu o meio que escolhemos para a cobrança, tomamos outro expediente, e os recibos que nos foram devolvidos mandamol-os a amigos nossos nas diversas localidades, como segue:

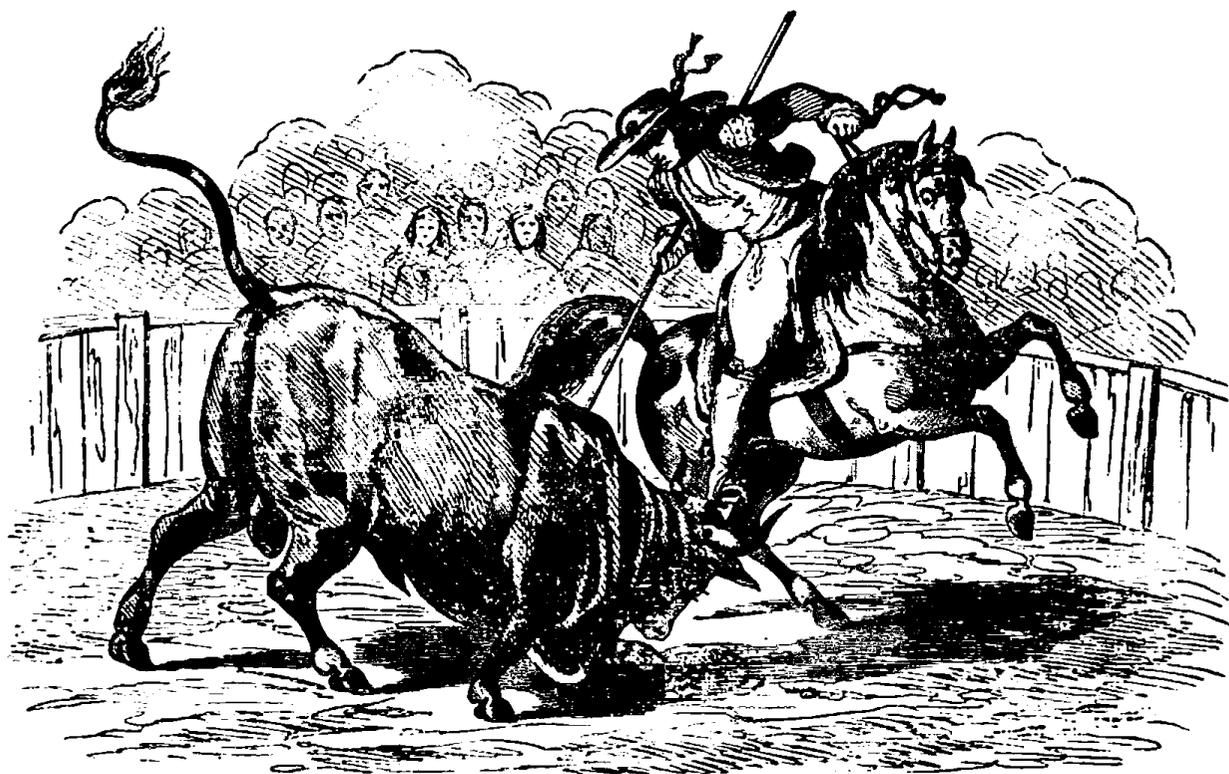
Os de ALEMQUER, enviamol-os ao R.º Sr. Prior Joaquim da Silva.

peitaveis sacerdotes, para nos evitarem novo trabalho e incommodos.

Teixeira de Freitas.

RETROSPECTO DA QUINZENA

PRINCIPIAMOS esta revista quando principia o Mez de Maio, o mez formosissimo, o mez em que as boninas brotam no campo, em que as rosas matisam os jardins e quando a violeta apparece escondida entre a verde folhagem, mostrando-se mais pelo aroma



O BARBARISMO NÔ SECULO DAS LUZES

assignantes em divida de mais de um anno, temos enviado para algumas estações postaes os respectivos

recibos, e apesar do aviso feito n'este lugar, fizemos outro aviso particular a cada um dos srs. assignantes a quem eram dirigidos os recibos; mas, ainda assim, alguns dos recibos tem-nos sido devolvidos, por não terem sido pagos! Ora isto é espantosamente mau, porque vemos o trabalho perdido, e temos que fa-

Os de ALIJO, ao R.º Sr. Padre José Teixeira de Souza, em Sanfins do Douro.

Os de ANADIA, ao R.º Sr. Padre Antonio Rodrigues Guedes Pinheiro, em S. Lourenço do Bairro.

Os de BOTICAS, ao R.º Sr. Padre Candido Lourenço Pereira de Carvalho, em Pinho.

De esperar é, pois, que aquelles senhores que não pagaram ao correio, se dignem pagar a estes res-

que à vista, como a virtude que se mostra por suas obras boas. E mais que tudo isto, quando os catholicos correm ao templo a render suas preces à Mãe de Deus e nossa Mãe, e quando as virgens christãs se empenham em levantar altares de flores à Rainha dos Céos, offerutando-lhe tambem seus corações de envolta com hymnos de festiva alegria.

Saudamos o Mez de Maria e vamos tambem ao templo juntar as nossas orações de tantos fieis.

E porque é este o Mez de Maria, o

mez das flores pedimos a todos os nossos assignantes um favor, um serviço, que tambem hade ser agradavel á SS. Virgem, pois que por Ella tambem pe-leja o *Progresso Catholico*.

Esse favor, esse serviço que pedimos aos nossos assignantes é que mandem pagar as importancias em divida n'este mez. Não será agradavel a todos o ter contas saldadas com o *Progresso Catholico* no mez das flores? Ao render a ultima prece no fim do mez não lhe será gloria dizer:—Já paguei a assignatura do *Progresso Catholico*, ajudando assim a empresa no grande empreendimento que se propoz?

E tambem não é pequeno serviço offerecido á SS. Virgem o assignar e promover quanto possivel a assignatura da obra que trazemos annunciada—A HISTORIA DE SANTA MONICA—modelo das mães christãs.

Não temos ainda noticias circumstanciadas da Peregrinação portugueza a Roma, o que esperamos em breve. Por agora damos copia do magnifico discurso que Sua Santidade fez aos peregrinos. E' como segue:

«Gloriaes-vos, disse elle, de que os catholicos portuguezes não cedem a nenhuma nação em amor e dedicação ao Soberano Pontífice e á Egreja. Temos a consolação de vos assegurar que a Nossa benevolencia vos abraça a todos com a mesma effusão que aos Nossos filhos mais queridos.

«Protestaes solemnemente que trazis intacta e vigorosa, perante o solio pontifício, a ardente fé, herança dos vossos antepassados, e que guardaes cuidadosamente como riquissimo thesouro. Agradecemos ao céu este assignado beneficio e vos asseguramos que nenhum dom Nos poderia ser mais agradavel.

«Conheceis os Nossos sentimentos para com a vossa nação. Por muitas vezes, e ainda recentemente, tivemos occasião de manifestar publicamente o Nosso grande interesse pelo augmento da religião e da prosperidade do vosso paiz.

«Reconhecemos de boamente os titulos meritorios e insignes dos portuguezes e dos seus reis para com a Egreja. Manifestamos a Nossa intenção de renovar em vosso favor os exemplos de affecto que nos legaram os Nossos predecessores. Hoje apraz-nos repetir isto de viva voz para que vós o repitaes aos vossos compatriotas. O nosso primeiro cuidado foi sempre favorecer no vosso reino e nas vossas colonias os interesses da fé, d'onde o vosso paiz auferirá grandes proveitos para a prosperidade social.

«Sempre, como na recente Concor-data, tivemos a intenção de providen-

ciar sobre tudo á salvação das almas, tendo para isso em conta os mais legitimos interesses e as mais gloriosas tradições de Portugal.

«A vossa historia mostra o quanto a religião pode influir na prosperidade dos povos. Por isso desejamos vivamente, que no vosso reino, como em toda a parte, a Egreja catholica tenha plena liberdade para desenvolver a sua benéfica influencia, affim de que possa educar denodados operarios, mediante os quaes se conservarão em Portugal, como em toda a parte, os beneficios de fé e verdadeira civilização.

«Nós vos dizemos com ardente affecto: segui os vestigios dos vossos antepassados: dae o spectaculo d'uma fé efficaz como nos melhores tempos da vossa historia: sede sempre unidos, corajosos na proffissão e defesa da religião.

«Não vos divida nem enfraqueça as vossas forças o espirito de partido; que nenhuma difficuldade vos affaste do amor e dedicação á Santa Sé que mereceram para Portugal o titulo glorioso de fidelissimo.»

Os jornaes revolucionarios de Italia não podem esconder a importancia que tem as peregrinações que de todos os cantos da terra se dirigem a Roma; estão quasi a sentirem-se enthusiasmos perante tão importantes manifestações em prol do Vigario de Jesus Christo, por parte dos catholicos de todas as nações.

Por isso o *Piccolo*, um dos mais importantes jornaes de Roma, e dos que não ficam atraz dos mais avançados em ideias *italianissimas* dizia ha dias, referindo-se á missa que o Santo Padre celebrou em S. Pedro no dia 11 de abril:

«Os applausos ao Pontífice eram enthusiasmos. Os gritos de *viva* em linguas tão variadas, tão diversas, mas todos tão sinceros, sahidos do mais profundo dos corações dos crentes, não podiam deixar de commover. A fé animava aquella gente, fé sincera, fé vigorosa. O sentimento religioso fazia palpitar muitos corações.

«É um spectaculo nobre e grandioso em que muito devemos pensar. Nós devemos meditar sobre a potencia d'esta religião, que se manifesta sempre como o mais forte organismo do mundo. E' necessario reflectir n'esta potencia moral, que falla ao coração, a phantasia, á imaginação de milhares de pessoas. Aquella voz fraquissima do Pontífice, que hoje entou a benção, aquella voz chega aos pontos mais remotos do mundo, faz palpitar muitos corações, é conforto, é animação, é esperanza, é terror para multissimos.

«Bem sabemos que não escrevemos

coisas novas. Mas estas considerações nascem espontaneamente quando se assiste ao spectaculo grandioso d'estes milhares de fleis, vindos de todas as partes da terra, para ouvir, para ver unicamente o Pontífice.»

Magnifica confissão, e digna por isso de registrar-se.

Por sua vez o correspondente de Roma para o *Journal des Debats*, lembrando a crise financeira porque vae passando a cidade dos Papas, depois da occupação revolucionaria, e referindo-se ás ultimas peregrinações, diz muito judiciosamente:

«A cidade de Roma e o governo italiano podem cobrir de benção Leão XIII, que com as innumeraveis e importantes peregrinações salva a cidade eterna d'uma crise commercial, pois ella se reanima com o ouro de tantos milhares d'estrangeros que a visitam por causa do Jubileo do Papa.»

Tudo isto é bom saber-se para tirar as teias de aranha de muita cabeça suja.

Agora que todas as vistas estão fixas em Roma e que se esperam noticias das grandes peregrinações que ali temido, julgamos muito a proposito a transcripção das seguintes noticias que encontramos na *Correspondencia de Roma*:

«Domingo 15 foi recebida em audiencia solemne a peregrinação dos Terceiros Franciscanos de França. A peregrinação era composta de 600 pessoas, e presidida por Mr. Delamare e pelo P. André Maria, Franciscano da Observancia, e guardião do Convento da Ordem de Paris. O Sancto Padre, depois de ter recebido em particular os chefes da peregrinação, percorreu a Sala Clementina e as segundas galerias, onde estavam os peregrinos, a cada um dos quaes se dignou dar a beijar a Sagrada Mão, dirigindo-lhes palavras de paternal benevolencia.

—Depois foi recebida a peregrinação da Bosnia Erzegovina, composta de cem pessoas, trajando todas conforme os costumes pittorescos das suas proprias terras. Acompanhavam a peregrinação os Bispos de Mostar, Danabor e Baujaluca, e presidia á o Arcebispo de Serajewo, que leu uma fervorosa felicitação e apresentou ao Sancto Padre o obolo das diferentes dioceses, e uma rica caixa d'ouro, obra delicadissima da arte nacional.

—Em seguida o S. Padre entrava na Sala Ducal onde se encontravam os 420 peregrinos da Croacia, com tres dos seus Bispos, Mons. Strossmayer, Bispo de Diacovar, Mons. Posilovic, Bispo de Segua, e Mgr. Ranilovic, Bispo de Crisio. Monsenhor Strossmayer, o popularissimo Bispo Diacovar, leu na presença de Sua Sanctidade uma mensagem eu-

thusiastica, exprimindo com as phrases mais ardentes e brilhantes o amor dos Croatas á Sancta Sé e ao Summo Pontífice, e o seu desejo de offerecer a vida pela defeza da hora e da independencia do Pontificado Romano. A mensagem foi continuamente acompanhada com fragorosos gritos de *Bivio*, com que os ardentes filhos da Croacia confirmavam as palavras do illustre Prelado.

Sua Sanctidade respondeu com um discurso commoventissimo, depois do qual aquella multidão, animada por uma fé e uma dedicação digna dos primeiros tempos da Igreja, parecia querer invadir os aposentos pontificios para não separar-se do Vigario de Jesus Christo. Descendo as escadas do Vaticano os peregrinos não cessavam de levantar gritos de aclamação ao Pae commum, e foi necessario que os Bispos, ao sahir do Vaticano, se esforçassem para conter as manifestações de tão ardente enthusiasmo.

—Depois da recepção solemne da peregrinação austriaca, foi recebido em audiéncia particular o Marquez de Lourenzana. Enviado extraordinario e Ministro plenipotenciario da Republica de Bolivia, que tinha a honra de apresentar a Sua Sanctidade a esposa e dois filhos do Presidente da mesma Republica, que vieram expressamente a Roma para apresentar as suas homenagens ao Summo Pontífice.

Um dos filhos do Presidente da Republica leu a Sua Sanctidade uma mensagem cheia dos mais nobres protestos de dedicação e adhesão á Sancta Sé e á Augusta Pessoa de Leão XIII, e offereceu em nome de seu pae, e do exercito boliviano um rico estandarte de cores nacionaes, tendo d'um lado a imagem de N. Senhora do Carmo, especial padroeira do exercito de Bolivia, e do outro as armas da Republica, com as seguintes inscrições: REPUBLICA DE BOLIVIA—HOMENAGEM DO EXERCITO DE BOLIVIA—A S. S. O PAPA LEÃO XIII—1887.

Ao mesmo tempo a nobre dama Senhora Pacheco, apresentava ao Sancto Padre, em nome de seu marido, o digno Presidente, uma numerosa e interessante colleção de estatuasinhas e de varios objectos de prata, encontrados nas excavações das suas minas particulares. Esta preciosa colleção estava collocada dentro d'uma caixa magnifica ornada com as armas pontificias e com a inscripção em francez: *Offerecido a Sua Sanctidade Leão XIII—Jubileo do 1.º de Janeiro de 1888—C. Pacheco—Bolivia.*

O Sancto Padre, commovido por estes testimonhos de fé e dedicação, pronunciou um terno discurso, e encarregou a Senhora Pacheco e os seus filhos de annunciar que de todo o coração man-

dava uma benção especial ao nobre Presidente, ao exercito boliviano e a toda a Republica.

—Em seguida foi recebida em audiéncia particular a peregrinação do Principado de Monaco, presidida pelo Bispo Mons. Theuret. Sua Sanctidade trazia ao peito a rica cruz de brilhantes offerecida pelo Principe de Monaco Carlos III. Mons. Theuret apresentou ao Sancto Padre uma avultada somma para o obolo de S. Pedro, em nome dos catholicos do Principado. Todos os peregrinos foram admittidos ao osculo do Sagrado Pé e receberam uma medalha commemorativa do Jubileo.

—Depois foram recebidos o Arcebispo de Auch, e os Bispos de Tarantasia, de Maurienne, Valence, Ajaccio, Gragnano, Varadino, e o Bispo greco rutheno de Munkacs.

—Tambem foi recebida em audiéncia particular uma caravana de peregrinos francezes que partem para Jerusalem e que quizeram vir a Roma implorar a Benção Apostolica e apresentar ao Sancto Padre os seus protestos d'amor e dedicação. O Summo Pontífice, depois de receber o Padre Bailly da Ordem dos Agostinianos da Assumpção, presidente da mesma caravana, atravessava a Sala Clementina, dando a beijar a Sagrada Mão a cada um dos peregrinos e dirigindo-lhes expressões de paternal affecto.

—Em seguida tiveram audiéncia, cada um em particular, Mons. Isakowicz, Arcebispo de Leopoles do rito armeno, e Mons. Sembratowicz, Arcebispo da mesma cidade do rito greco-rutheno, e os Bispos de Sabaria, Gratz, Lubiana, Starnilaow, Cracovia, Sobenico, Budweis, e o Bispo latino de Presmilia.

As Irmãs da Caridade! Quem não conhece essas heroínas, hoje, depois que os jornaes de todos os paizes, escriptos em todas as linguas, enchem suas columnas com rasgos do mais alto heroismo praticados por essas bemfeitoras da humanidade, por essas denodadas filhas do Evangelho, por essas franzinhas creaturas, que abrigam sob a estameinha do pobre habito os corações mais livremente devotados á mais alta das virtudes—a caridade?

Se ha alguém que as não conhece, que as não visse abnegadas de si, esquecidas muitas vezes dos seus soffrimentos, para, nos hospitaes, trazer tudo na melhor ordem, servir tudo a tempo, estar em toda a parte onde um gemido, um ai as chama; se as não viu nas escolas, esquecidas de si, despresando os gellos do inverno, a humidade de casas pouco confortaveis, os grandes calores de casas mal arejadas, para só verem as creancinhas que lhe são confiadas, vivendo ali alegres e

contentes, sordindo como rosas de impagavel belleza de em meio d'um montão de urzes; se as não tem visto n'estes lugares, vamos mostrar-lhe uma Irmã da Caridade em pleno ar-livre sacrificando-se pelas creancinhas que con-

duz.

Perto de New-York, uma Irmã da Caridade, a Irmã Angela, passeava com muitas das suas pequenas alumnas, quando um cão damnado se dirige para o formoso rancho que a Irmã dirigia.

A Irmã, vendo o perigo das suas queridas alumnas, esquece-se de que é uma fraca mulher, apruma-se diante do animal, gritando ás creancinhas que fujam, que se salvem, que se não importem com ella, com tanto que se salvem, e enquanto aquelle grupo se desfaz, fugindo uma para cada lado, o animal satisfaz toda a sua raiva na pobre Irmã, que recebe 20 feridas, do que morreu 40 dias depois do acontecimento.

Oh! as Irmãs da Caridade!!

A sanha dos protestantes contra as Ordens religiosas não dura tanto como a que domina os revolucionarios em Portugal. Aqui não chega meio seculo para saciar os anti-frades; na Alemanha chegaram poucos annos para convencer os governos de que estavam em erro.

Eis o decreto ou o quer que seja, que mostra assaz a verdade do que deixamos dito:

«Nós Frederico, Rei de Prussia etc... Artigo unico. São concedidos os direitos de corporação aos estabelecimentos abaixo mencionados das Ordens Religiosas e das Congregações semelhantes da Igreja Catholica: 1) ao estabelecimento dos Benedictinos de Fulda;—2) aos estabelecimentos da Congregaçõ Mariae Virginis em Essen e Paderbon;—3) aos estabelecimentos das Damas inglezas de Fulda;—4) aos estabelecimentos dos Franciscanos em Paderbon, Rietheg, Warendorf e Wiedenbruck;—5) ao estabelecimento das Irmãs da Caridade em Paderbon;—6) aos estabelecimentos das Ursulinas em Breslau, Colonia, Dorsten, Dedestadt, Erfurt, Frizlar, Liebenthal e Schweidnitz.»

Não faz a gente ter desejos de que uma nação protestante, mas com lino, nos venha governar?!

No dia 1.º do corrente atravessou Guimarães dirigindo-se a Vizella o collegio de Santa Quiteria em Felgueiras, em grande numero de alumnos e com o professorado do estabelecimento. Ao fim da tarde voltou de novo e então aquelle regimento de creanças estudiosas percorreu algumas das principaes ruas da cidade, dando a este bom povo um spectaculo para elle novo, porque

Guimarães, n'isto de collegios e casas de instrucção não está muito longe do Suajo e S. Miguel do Monte.

E fez boa impressão nos vimaranenses, gostaram até das caras sympathicas dos padres Lazaristas, que em numero de dez ou doze acompanhavam aquella *troupe* de escolares, muito alegres e como que orgulhando-se de se verem tão bem dirigidos, atravez o muito povo que os admirava.

Senhores vimaranenses, aquillo era a civilisação e o progresso passando por vossas ruas e praças!

A Exposição Vaticana serve tambem para mostrar quanto valem os trabalhos scientificos do clero, para mostrar mais uma vez os serviços por elle prestados á sciencia. Lá estão, ornando as grandes sallas da Exposição todos os instrumentos scientificos, ultimamente montados por Padres, como por exemplo: —Os *Sismographos*, do Padre Secchi, e do conego Gali; o *Thermometro*, do Padre Bertelli; o *Marcographo*, do Padre Tosso; o *Anemographo*, do Padre Beniza; o *Pluviographo*, do Conego Bonisso; o *Teletopometro*, do Padre Cerebotani, etc., etc.

Uns ignorantes estes padres, e uns *maivraços* como se não viram outros ainda assim!

Muito breve vamos distribuir o programma para o 11.º anno da nossa Revista. Vamos fazer alteraçaõ na publicação e grandes melhoramentos, visto que se completam dez annos, e se entra no decimo primeiro.

Um paiz que com razão se chama livre acaba de prestar honrosa homenagem á roupeta jesuítica, a essa roupeta que é em Portugal o alvo de todos os insultos e doestos, por parte da gente *fina*, já se sabe.

Querem os leitores saber no que consta essa homenagem? Ora leiam:

Por uma lei dos Estados-Unidos, votada em 1885, cada estado deve enviar duas estatuas, que hão de ser collocadas no capitolio de Washington, e representarão homens que tenham prestado grandes serviços á União. O estado de Viscousin approvou por unanimidade, como digno de tal honra, o Padre Jesuita Marquette.

«Este jesuita, disse o senador Genti, serviu quarenta annos em regiões desconhecidas em beneficio da fé, da civilisação e das sciencias; é preciso, por tanto, que este missionario tenha logar entre os heroes da America, a fim de que nossos filhos e netos saudem e honrem n'elle o patriota e o apostolo.»

J. de Freitas.

AVISOS

HISTORIA

DE

SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissão do auctor em 1884 pela

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

2.ª edição portugueza

Em meio do grande cataclismo que ameaça de perto a sociedade, não conhecemos nada que melhor possa deter a onda destruidora, levantada pela descrença, do que a educação, ministrada aos filhos pelas mães christãs. Dae ás creancinhas uma mãe, e dae a essa mãe o temor de Deus, e a sociedade futura será outra que não a actual.

Mas para que as mães tenham o verdadeiro temor de Deus, para que ellas saibam ser mães e as educadoras de seus filhos, forçoso se torna que ellas aprendam com as grandes mães, que conheçam os magnificos modellos que tem de imitar. Essa grande mãe, esse perfeito modelo das mães offertamol-a aos nossos leitores e ás leitoras principalmente na mãe de Santo Agostinho, em Santa Maria, cuja historia vamos publicar em 2.ª edição, tentando com isso prestar um grande serviço á sociedade, e ás patrias letras.

Se nós conseguíssemos que este livro entrasse em todas as casas, fosse lido por todas as mães, por todas as filhas; que se desse ás creancinhas, que o lessem as meninas nos collegios,

oh! que grande serviço prestado, que fonte de bens para a humanidade! Mas será o que Deus quizer, o livro está no prelo e temos esperanças de que se espalhe bem, como merece.

Formará um volume de 400 paginas approximadamente, e será impresso em bom papel, bom typo e em elegante formato em 8.º

A 1.ª edição custou 15000 reis, mas nós, querendo fazer larga propaganda, e facilitar a sua posse a todos os nossos leitores, estabelecemos o seguinte:

Quem subscrever para esta obra monumental até ao fim de junho, mandando com a assignatura a sua importancia, custará apenas

500 rs., franca pelo correio

Depois d'esta epoca, em que se fará a distribuição, os poucos exemplares que restarem, custarão 800 reis. Escusado será dizer que fazemos esta edição em harmonia com muitos pedidos que já temos e contando com a cooperação de todos os nossos bondosos assignantes.

MANUAL DA PIA UNIÃO

DAS

FILHAS DE MARIA

SOB O PATROCINIO DE SANTA IGNEZ V. E M.

Compilado do Manual da União Primaria de Roma, do mesmo titulo, e de outros livros de piedade

PELO CONEGO

DR. ANANIAS CORRÊA DE AMARAL

E APPROVADO PELO EX.º E REV.º SNR. BISPO DE PERNAMBUCO

E approved e indulgenciado pelos Em.ºs e Rev.ºs Snrs.

Cardeal Patriarcha de Lisboa, e Cardeal-Bispo do Porto

Este livrinho, indispensavel a todas as Filhas de Maria, por conter os estatutos da Pia União, e a regra que todas devem seguir, é tambem um verdadeiro livro de devoção, pois que além das orações de missa, confissão, communhão etc. etc. tem um copioso numero de devoções, praticas de piedade etc. etc. etc.

1 vol. de 480 paginas, com capa de percaline 400
Em melhor papel, folhas douradas etc. 600

Pedidos com a importancia a Teixeira de Freitas—Guimarães